

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
INSTITUTO VILLA-LOBOS  
LICENCIATURA EM MÚSICA

INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA MÚSICA

ELIALE SUDARIO OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO, 2006

# INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA MÚSICA

por

ELIALE SUDARIO OLIVEIRA

Monografia apresentada para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música do Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, sob a orientação do Professor Dr. José Nunes Fernandes.

Rio de Janeiro, 2006

*“A música é uma isca... uma ferramenta de resgate da cidadania”.*

Cristiane Almeida  
Outubro 2005

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por tudo e todas as coisas.

A meus pais e meu avô pelo incentivo e minha avó pela força que sempre me deu.

Ao professor Dr. José Nunes Fernandes pela paciente e segura orientação.

Aos meus professores da UNIRIO pelos grandes ensinamentos e experiências que me proporcionaram.

A Professor Severino Cavalcante do Instituto Benjamin Constant, ao Eduardo do Afroreggae.

A todos os meus amigos que indiretamente ou diretamente contribuíram para este trabalho, ao Rogério e Pastor Jorge pelos indispensáveis conselhos em minha juventude.

Em especial a minha noiva Bianca pela paciência durante as longas horas de estudo.

SUDARIO, Eliale Oliveira. *Inclusão social através da música* 2006. Monografia, (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

## **RESUMO**

Esta monografia tem como objetivo definir inclusão social, principalmente sobre a inclusão social através da música. Para tal foi feita uma pesquisa em instituições com pessoas que passaram por ações que buscam inclusão, também professores e instrutores que fazem esse tipo de atividade comentam o que os motivaram a exercer tal profissão, tendo algumas dificuldades encontradas no sistema governamental e social. É também discutido pelos profissionais da área, através da revisão de literatura, qual tem sido a eficácia de tal inclusão social bem como a visão futura que eles têm sobre o assunto, nos dando conhecimento de como é importante o trabalho de inclusão social, e como ele é feito através de uma das mais belas artes, a música.

Palavras-chaves: Inclusão social, Exclusão social.

## SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – INCLUSÃO SOCIAL: DEFINIÇÕES E PRINCÍPIOS.....	6
CAPÍTULO II – INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA MÚSICA.....	13
CAPÍTULO III – INCLUSÃO SOCIAL MUSICAL NO INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT (IBC).....	17
3.1. Estratégia da inclusão musical no IBC	
3.1.2 Incentivo a fazer tal trabalho de inclusão no IBC	
3.1.3 Sistema Braile, o mecanismo para inclusão.	
3.1.4 Há eficácia no processo de inclusão social?	
3.1.5 Barreiras sociais e dificuldades mais comuns.	
3.1.6 Metodologia.	
CAPÍTULO IV – INCLUSÃO SOCIAL MUSICAL NO GRUPO CULTURAL AFROREGGAE.....	27
4.1. Estratégia da inclusão musical no Afroreggae.	
4.1.1 Há eficácia no processo de inclusão social?	
4.1.2 Barreiras sociais e dificuldades mais comuns.	
4.1.3 Metodologia.	
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

## INTRODUÇÃO

Há algum tempo dou aula de música para adolescentes e crianças em uma igreja em um bairro no subúrbio do Rio de Janeiro chamado Jardim América. Um dos interesses em falar sobre a inclusão social surgiu quando uma de minhas alunas, muito abatida e desanimada chegou em sala de aula e, ao indagar se algum problema acontecera, contou-me que uma autoridade governamental cumprindo um mandado de prisão a seu irmão, entrara de maneira não adequada em sua residência situada em uma comunidade daquele bairro, agrediu-a simplesmente por ela dizer que seu irmão não estava e não sabia onde se encontrava. Logo em seguida seu relato liberei-a da aula para que o momento de choque passasse. A mesma se recusou e manifestou seu desejo de estar à vontade ali. Em seguida perguntei o motivo de tal permanência devido aos fatos e a estudante revelou que se sentia bem estudando com seus amigos de classe e ali ela, através do estudo, esqueceria os problemas.

Seria também a porta de saída para ela ir se profissionalizando na arte, adquirir melhor moradia, alcançar um bom futuro através do estudo. Muitos jovens hoje não têm acesso aos estudos ou a ferramentas de inclusão social, é necessário que a cultura alcance a eles antes que a marginalidade, esse minha aluna inclusive já perdera um irmão por causa dessa marginalidade que tem arrecadado cada vez mais jovens sem perspectiva de vida e longe de um convívio social saudável. Assim como essa menina, precisamos de jovens que fazem do estudo uma mudança de vida, um acesso para uma maior socialização.

Em “Mapa da Violência 4”, estudo divulgado pela Unesco, mostra que a taxa de homicídios entre os jovens no Brasil é grande com destaque aos negros que é muito superior à de brancos, aumentando ainda mais entre os jovens de 15 a 24 anos. Nesse último caso, chega a ser 74% maior. A taxa de homicídios entre jovens brancos ficou em 39,3 mortes por 100 mil em 2002. Entre negros, o índice sobe para 68,4. Na população geral (sem divisão por faixas etárias), a taxa foi de 20,6 mortes por 100 mil entre brancos e de 34 entre negros.(Fonte : <http://afrobras.org.br/index.php?option=content&task=view&id=257>).

Pesquisas como essas da Unesco nos mostram que as vítimas de homicídios no Brasil geralmente são de famílias com renda mais baixa e vivem em locais mais pobres. Atualmente, falar sobre esses números de violência é um exercício de reflexão que requer alguns questionamentos, e delimitaremos a contribuição que a inclusão social tem dado a essas camadas. O primeiro deles é indagar sobre o que aconteceu com a sociedade brasileira, que já teve maior participação e integração social dos seus jovens. E onde podemos melhorar.

Ao começar esta pesquisa e investigar sobre o assunto na literatura pude notar que também há um vasto material sobre inclusão social para pessoas jovens, adultos, e crianças com deficiências. O aprofundamento nesse campo de assunto nos mostra a necessidade da inclusão social para todos os seres por qualquer que tenham sido as condições lhe impostas pela vida. Esse aprofundamento será na área de deficiência visual, onde ao longo do estudo encontraremos a situação em uma das escolas de maior tradição de ensino a deficientes visuais do país, Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro, onde o objetivo maior é promover a integração social do deficiente visual em toda a sua amplitude. Para isto, o Instituto atua nas áreas de reabilitação terapêutica e social, na preparação para o trabalho e no encaminhamento e acompanhamento profissional.

O interesse em estudar sobre o essa inclusão a deficientes visuais se deve também do fato de visitas feitas no mesmo instituto, onde pude conhecer uma parte da importante



contribuição social que este faz aos deficientes visuais, ali vários tipos de inclusão social são abordados, entre outros a Educação musical.

O outro estabelecimento que iremos conhecer o processo de inclusão social através da música, surgiu para atender as camadas jovens na sociedade presente, para isso foi criado o Afroreggae. O Grupo Cultural AfroReggae (GCAR) é uma organização não governamental, sem fins lucrativos surgida em 1993, cujo objetivo é o desvio de jovens do caminho do narcotráfico e do subemprego.

Para transformar essa ideologia em prática, o AfroReggae desenvolve projetos em 4 comunidades do Rio de Janeiro: Cantagalo, Complexo do Alemão, Parada de Lucas e Vigário Geral. Através da arte e da cultura, sempre com um acompanhamento social, o GCAR tem conseguido mudar a realidade das crianças, jovens e adultos assistidos pela instituição.

O Grupo Cultural AfroReggae (GCAR) surgiu em janeiro de 1993, inicialmente em torno do jornal AfroReggae Notícias - um veículo de informação que visava à valorização e a divulgação da cultura negra, sobretudo para jovens ligados em ritmos como Reggae, Soul, Hip-Hop, etc. Os planos desse grupo era poder ter um tipo de intervenção mais direta junto à população afro-brasileira.

Na favela de Vigário Geral, foi inaugurado, em 1993, o primeiro Núcleo Comunitário de Cultura iniciando, assim, o desenvolvimento de projetos sociais. Em pouco tempo, esse núcleo se consolidou a partir das primeiras oficinas - que foram dança, percussão, reciclagem de lixo, futebol e capoeira - e preparou o terreno para novas empreitadas.

Nessa época já se tinha bem claro o objetivo a ser alcançado, e que pode ser definido pela missão institucional que tem nos pautado até hoje: oferecer uma formação

cultural e artística para jovens moradores de favelas de modo que eles tivessem meios de construir suas cidadanias e com isto pudessem escapar do caminho do narcotráfico e do subemprego, transformando-se também em multiplicadores para outros jovens. Apesar de toda a diversidade de atividades, a música tem sido em Vigário Geral o melhor instrumento para atrair os jovens a participar do GCAR.

O sucesso obtido com a Banda AfroReggae tanto artístico quanto como modelo de projeto social, fez com que outros jovens quisessem percorrer o mesmo caminho. Hoje têm em Vigário mais três grupos musicais, que estão em fase de amadurecimento, mas que já fazem apresentações públicas: Banda Makala Música e Dança, AfroLata e AfroSamba.

Além disso, em Vigário Geral existe os seguintes Subgrupos: Afro Manguê, Tribo Negra, Akoni e Kitôto. Em 1997, o GCAR inaugurou o Centro Cultural AfroReggae Vigário Legal. Com um espaço físico bem estruturado dentro da comunidade, o trabalho se desenvolver com maior qualidade e planejamento, e com isto é possível tornar esta iniciativa uma referência de prática da inclusão sócio-cultural na cidade do Rio de Janeiro.

Com o passar do tempo os projetos foram se aperfeiçoando, a instituição foi crescendo e os resultados dessa ação social inclusivista não param de aparecer.

Com o objetivo de definir inclusão social, principalmente sobre a inclusão social através da música mostrando sua eficácia como mais um meio inclusivista como informática, esporte e outros, buscamos estudar a música com isca para a inclusão social, observando nessas duas instituições seus êxitos e barreiras. Para tomar conhecimento dos resultados nessas instituições a metodologia usada foi de entrevistas com dois profissionais dessas instituições abordadas, tendo como quadro teórico não só observar os sucessos e barreiras como também maior instrução e conhecimento para aqueles que desejam ou

utilizaram métodos inclusivistas, sabendo que a música é sem dúvida uma das melhores iscas para se conduzir um indivíduo a tal socialização.

Tratamos no primeiro capítulo as definições e princípios de inclusão social. No segundo abordamos a inclusão social através da música. Nos capítulos seguintes apresentamos os resultados das entrevistas dos profissionais do Instituto Benjamin Constant e do grupo cultural AfroReagge falando sobre eficácia, barreiras, metodologias.

## **CAPÍTULO I**

### **INCLUSÃO SOCIAL: DEFINIÇÕES E PRINCÍPIOS**

Inclusão social é um o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade, buscam em parceria diminuir problemas, decidir sobre soluções e proporcionar oportunidades para todos. Portanto, é um processo que contribui para construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos (espaços internos e externos), equipamentos aparelhos e utensílios, (mobiliário e meios de transporte) e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também da própria pessoa com necessidades especiais.

A inclusão social foi a idéia que guiou a elaboração de políticas e leis na criação de programas e serviços voltados ao atendimento das necessidades encontradas nos últimos 50 anos. Este parâmetro consiste em criar mecanismos que adaptem os deficientes aos sistemas sociais comuns e, em caso de incapacidade por parte de alguns deles, criar-lhes sistemas especiais separados. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Inclus%C3%A3o\\_social](http://pt.wikipedia.org/wiki/Inclus%C3%A3o_social))

Aqui abordaremos as questões da inclusão social de pessoas que em caráter temporário ou permanente possuem certas necessidades decorrentes de sua condição e que, por essa razão, estão enfrentando barreiras para tomar parte ativa na sociedade com oportunidades iguais às da maioria da população.

Condições atípicas são, com frequência, agravadas por – ou resultantes de – situações sociais marginalizantes ou excludentes como, por exemplo: trabalho infantil, prostituição e privação cultural, assim como pobreza, desnutrição, saneamento precário e abuso persistente e severo contra crianças, e falta de estímulo do ambiente e de escolaridade (Sasaki, 1995, p. 16).

A sociedade, em todas as culturas, atravessou alguns assuntos no que se refere às práticas sociais. Ela começou praticando a exclusão social de pessoas que – por causa das condições atípicas – não lhe pareciam pertencer à maioria da população.

Durante a pesquisa pude notar que este termo, exclusão social, vem sendo crescentemente utilizado na literatura e em debates políticos em torno das políticas e projetos sociais, por isso se fez mais que necessário sua citação ao longo desta monografia. A exclusão social vem crescendo assim como outras noções que se surgem muito rapidamente podendo ser encontrado em contextos acadêmicos e não acadêmicos. Porém a mesma exclusão social vem sendo utilizada com sentidos muito variados, em algumas vezes a parte da questão da pobreza, às vezes sendo utilizado para caracterizar um tipo específico de situação de privação.

E devido ter sentidos variados, há inclusive o questionamento de sua utilidade como conceito. Durante as pesquisas deste trabalho, li muitos escritores da área que defendem, mesmo que ainda pouco consolidado, que o conceito de exclusão social é útil ao apontar dimensões importantes da fragilidade social: ele supõe uma abordagem rica e variada, centrando-se mais sobre os processos e transições que sobre situações em questão; mais sobre grupos, comunidades e relações sociais que sobre indivíduos; mais sobre as interações entre as diferentes dimensões da fragilidade e da privação do que sobre um destes aspectos separadamente.

As mudanças de ênfase que a noção de exclusão social implica, têm conseqüências importantes para a análise e para os modelos conceituais.

Em uma análise política e pública é necessário partir do significado desse “fenômeno” e pesquisas aprofundadas, uma vez que esta monografia somente passa por esse tema superficialmente para que se tenha idéia do oposto a uma inclusão social.

Ao se detectar alguma abrangência da exclusão, observar as suas manifestações, para daí discutir as conseqüências e os constrangimentos que tal realidade coloca para o desempenho eficaz da ação pública e governamental. Encontrar também as conseqüências para políticas de intervenção que sejam, além de eficazes, sustentáveis dos pontos de vista econômico, social e cultural.

No combate à exclusão, desenvolveu-se o atendimento especial e diferenciado sobre essa questão, dentro de instituições. Passou para a prática da integração social e logo se adotou a “filosofia” da inclusão social para modificar os sistemas sociais gerais.

Vemos hoje dentro dessa a exclusão, também a marginalidade sendo praticadas por diversos grupos sociais vulneráveis, em várias partes do Brasil assim como em praticamente todos outros países. Mas também vemos a prática da tradicional integração ganhando lugar, gradativamente, à da inclusão.

Em o “Mapa da violência 2006” divulgado pela Organização de Estados Ibero-americanos (OEI), o Brasil ocupa o terceiro lugar mundial no número de homicídios de jovens, atrás de Colômbia e Venezuela. O estudo, que analisa os dez anos entre 1994 e 2004, indica que o número de homicídios de jovens no Brasil aumentou em 64,2% no período, em comparação com um crescimento de 48,4% na quantidade de homicídios na população total. A taxa de 51,7 homicídios por 100 mil habitantes jovens, registrada em

2004, coloca o Brasil na terceira posição mundial, com um índice cem vezes maior ao de países como Áustria, Japão, Egito e Luxemburgo.

(Fonte: <http://www.oi.com.br/data/Pages/FB2B9BA2ITEMID57BC97307C9742CFA0734FD033183CF7PTBRIE.htm>).

De outra forma, pode-se dizer que a exclusão social se exprime em 6 dimensões principais do cotidiano real dos indivíduos, ao nível: <sup>1</sup>

- do **SER**, ou seja, da personalidade, da dignidade e da auto-estima e do auto-reconhecimento individual;
- do **ESTAR**, ou seja, das redes de pertença social, desde a família, às redes de vizinhança, aos grupos de convívio e de integração social e à sociedade mais geral;
- do **FAZER**, ou seja, das tarefas realizadas e socialmente reconhecidas, quer sob a forma de emprego remunerado (uma vez que a forma dominante de reconhecimento social assenta na possibilidade de se auferir um rendimento traduzível em poder de compra e em estatuto de consumidor), quer sob a forma de trabalho voluntário não remunerado;
- do **CRIAR**, ou seja, da capacidade de empreender, de assumir iniciativas, de definir e concretizar projetos, de inventar e criar ações, quaisquer que elas sejam;
- do **SABER**, ou seja, do acesso à informação (escolar ou não; formal ou informal), necessária à tomada fundamentada de decisões, e da capacidade crítica face à sociedade e ao ambiente envolvente;
- do **TER**, ou seja, do rendimento, do poder de compra, do acesso a níveis de consumos médios da sociedade, da capacidade aquisitiva (incluindo a capacidade de estabelecer prioridades de aquisição e consumo).

---

<sup>1</sup> Sobre o parágrafo demarcado (Fonte: Amaro, ano 2001, p. 01).

A exclusão social é, portanto, segundo esta leitura, uma situação de não realização de algumas ou de todas estas dimensões. É o “não ser”, o “não estar”, o “não fazer”, o “não criar”, o “não saber” e/ou o “não ter”.<sup>2</sup>

Segundo escreve Sasaki, o movimento de inclusão social começou incipientemente na segunda metade dos anos oitenta nos países mais desenvolvidos, tomou impulsos na década de noventa também em países em desenvolvimento e está se desenvolvendo fortemente nos primeiros dez anos do século vinte e um envolvendo todos os países.

Este movimento tem por objetivo a construção de uma sociedade realmente para todas as pessoas sob a inspiração de novos princípios, dentre os quais se destacam: (Sasaki, 2005, p. 17).

- Celebração da diferenças,
  - Direito de pertencer,
  - Valorização da diversidade humana,
  - Solidariedade humanitária,
  - Igual importância das minorias,
  - Cidadania com qualidade de vida,
- (Sasaki, 2005, p. 17).

O conceito e a prática da inclusão são, portanto, muito recentes. Mas parte ou aspectos dessa prática já vinham ocorrendo na fase da integração social simultaneamente com o lento surgimento da inclusão. Embora a literatura mundial pertinente à inclusão já tenha se tornado extenso, o que existe em língua portuguesa ainda é pouco comparado ao que se tem em países mais desenvolvidos, onde a idéia de inclusão social tem sido

---

<sup>2</sup> Sobre o parágrafo demarcado (Fonte: Amaro, ano 2001, p. 01).



alimentada a mais anos, mesmo para quem esteja habituado a fazer pesquisas bibliográficas. Esta constatação se torna mais evidente pelo número cada vez maior de pessoas que estão buscando mais informações sobre inclusão social. (Sassaki, 2005, p. 17).

A prática da inclusão social repousa em princípios até então considerados em comuns: a aceitação das diferenças individuais, a valorização de cada pessoa, a convivência dentro da diversidade humana, a aprendizagem através da cooperação. Essa diversidade humana é representada, principalmente, por origem nacional, sexual, religião, gênero, cor, idade, raça e deficiência.

No entender de alunos e professores do Instituto de Diversidade Estudantil, da Universidade de Minnesota, nos EUA, a sociedade tem usado esses atributos pessoais como critérios para separar pessoas, o que transforma esses atributos em “tentáculos da opressão humana” (Kolucki, 1995, apud Sassaki, 2005 p. 129).

Como já observado nesta citação, em várias partes do mundo, já é realidade a prática da inclusão, segundo Sassaki, as primeiras tentativas começaram nos anos oitenta, mais precisamente por volta de 1987. O processo de inclusão vem sendo aplicado em cada sistema social. Assim, existe a inclusão na educação, no lazer no transporte etc. Quando isso acontece, podemos falar em educação inclusiva, no lazer, no transporte inclusivo e assim por diante. Uma outra forma de referência consiste em dizermos, por exemplo, educação para todos, lazer para todos, transporte para todos.

Quanto mais sistemas comuns da sociedade adotarem a inclusão, mais cedo se completará a construção de uma verdadeira sociedade para todos – a sociedade inclusiva. Algumas pessoas utilizam a palavra integração em inclusão, já em conformidade com a moderna terminologia da inclusão social, ou seja, com sentidos distintos – a integração significando ‘inserção da pessoa com deficiência prepara para conviver na sociedade’ e a inclusão significando ‘modificação da sociedade como pré-requisito para pessoa com

necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania'. (Sasaki, 2005, p. 42,).

Segundo Sasaki, a idéia de que a integração surgiu para derrubar a prática da exclusão social a que foram submetidas às pessoas com deficiências ou pessoas sem acesso a programas sócio-culturais ou qualquer outro programa inclusivo por vários séculos. A exclusão ocorria em seu sentido total, ou seja, esses indivíduos eram excluídos da sociedade, eram excluídos para qualquer atividade, sem utilidade para a sociedade incapaz para trabalhar, características estas atribuídas indistintamente a todos que tivessem alguma deficiência ou sem acesso a programas sócio-culturais.

## **CAPÍTULO II**

### **INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA MÚSICA**

O papel da música como eixo condutor em políticas de inclusão social tem ocupado um espaço de destaque nos projetos que buscam, primordialmente, o resgate da dignidade e o pleno exercício da cidadania de crianças, adolescentes e adultos que de alguma forma estejam excluído do convívio social em situação de risco. (Salles, 2004).

Os Países Membros devem garantir que as pessoas com deficiência sejam incluídas em atividades culturais e possam participar nelas numa base igualitária. Os Países Membros devem garantir às pessoas com deficiência a oportunidade de usar o seu potencial criativo, artístico e intelectual ao máximo, não só para seu benefício, mas também para o enriquecimento de sua comunidade, situada em zonas urbanas e rurais. Exemplo de tais atividades são a dança, a música, a literatura, o teatro, as artes plásticas, a pintura e a escultura. Particularmente nos países em desenvolvimento, deve ser dada ênfase às formas de artes tradicionais e contemporâneas, tais como marionetes, recitação e narração de histórias. (Nações Unidas, 1996, p. 34 apud, Sasaki, 2005, p. 117).

A cultura é vista como um importante meio de reconstrução da identidade sócio-cultural e a música está entre as atividades de significativo apelo para a realização de projetos sociais. Estudos específicos apontam o impacto no processo de recuperação da identidade e da auto-estima dos envolvidos nos projetos de inclusão que utilizam a música como eixo condutor. Muitos trabalhos na área têm revelado a importância da música na

construção da identidade das crianças e adolescentes da periferia urbana das grandes cidades. Nesse contexto a, música torna-se uma linguagem capaz de exprimir com fidedignidade a crua realidade dos cotidianos de exclusão. (Salles, 2004, p. 117).

No passado, a pessoa com deficiência foi focalizada como um tema nas artes e na cultura. A partir da década de setenta ela passou a ser um protagonista nesses campos, inicialmente de uma forma muito tímida. Nos anos oitenta, um verdadeiro movimento se alastrou pelo mundo inteiro mostrando a alta habilidade de pessoas com as mais variadas deficiências como artistas, dançarinos, músicos, atores, diretores, fotógrafos, escritores e outros (creativity and disability, 1984). E a década de noventa presenciou trabalhos artísticos e literários de ótima qualidade, “desempenhados com pessoas inclusivistas que impressionam e emocionam familiares e especialistas, bem como a população geral” (Gilboa, 1994 apud Sasaki, 2005, p. 118).

O papel da música como eixo condutor em políticas de inclusão social tem ocupado um espaço de destaque nos projetos que buscam, primordialmente, o resgate da dignidade e o pleno exercício da cidadania de crianças e adolescentes em situação de risco. Estudos específicos apontam o impacto no processo de recuperação da identidade e da auto-estima dos envolvidos nos projetos de inclusão que utilizam a música como eixo condutor.

A música apresenta-se então como um importante elemento de formação de identidade e construção da cidadania onde agentes multiplicadores de cultura assumem o papel de transformadores da realidade social.

A professora Thayna Patrícia Borges Conceição que no encontro anual da ABEM em Belo Horizonte em outubro de 2005 escreveu o artigo baseado em trabalhos de educação musical feitos com pessoas portadoras de necessidades especiais (PNEE), onde ela também procura fortalecer através da música o desenvolvimento cognitivo, social e

afetivo e mostrando a importância da educação musical no seu desenvolvimento.

Esse trabalho é feito na Fundação Pestalozzi do Pará – Escola Lourenço Filho que atende crianças especiais na área da saúde. As atividades desenvolvidas com crianças de Jardim II (5 e 6 anos); 1ª série (7 à 9 anos) e a turma sem seriação (10 à 15 anos) são:

- Canções infantis com esquemas corporais;
- Atividades de ostinato com instrumentos de percussão (claves);
- Acompanhamento de melodias com claves;
- Atividade de apreciação musical com desenhos;
- Conhecimento de diferentes instrumentos musicais (pau-de-chuva, claves, tambor...).
- Atividade com forte/fraco;
- Sons de fora;

Entre outras atividades.

A cada aula, nós aprendemos que eles são capazes de realizar tarefas que antes eram tidas como adequadas somente a crianças em situação normal de ensino, percebemos na prática que eles possuem habilidades como qualquer criança, apesar das singularidades de cada deficiência. (Conceição, ano 2005).

Pelo trabalho feito por Conceição nesse projeto, podemos ver que a música estimula o desenvolvimento físico, cognitivo, e emocional. Ela tem o papel fundamental junto ao processo educacional, trazendo em si a possibilidade de fortalecer a estrutura interna e externa do indivíduo.

No encontro anual da ABEM a professora Cristiane Almeida apresentou uma

pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Música, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para caracterizar o ensino da música inserido em projetos sociais, a partir da perspectiva dos profissionais que neles atuam. Segundo Cristiane “Os objetivos específicos foram analisar as dimensões educativo-musicais presentes nas oficinas, a fim de configurar, com mais propriedade, esse espaço de educação musical”.

Muitos trabalhos na área têm revelado a importância da música na construção da identidade das crianças e adolescentes da periferia urbana das grandes cidades principalmente na Europa<sup>3</sup>. Neste contexto, a música torna-se uma linguagem capaz de exprimir com fidedignidade a crua realidade dos cotidianos de exclusão.

A democratização do acesso a processos de inclusão utilizando a música como instrumento é condição já comprovada em inúmeros estudos para a diminuição da violência e aumento da auto-estima dos envolvidos. Dentro deste contexto incluímos diretamente não só os beneficiários, mas também suas famílias.

---

<sup>3</sup> “Na Europa a musicalização ocorre desde a mais tenra infância na rede pública de ensino. No Brasil vivenciamos hoje, através dos profissionais da área de música, o início de um processo de questionamento sobre a importância da volta do ensino da Música nas Escolas”.(Salles, 2004).

### **CAPITULO III**

#### **INCLUSÃO SOCIAL MUSICAL NO INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT (IBC)**

O Instituto Benjamin Constant (IBC) tem como objetivo maior, conforme descrito na introdução, promover a integração social do deficiente visual em toda a sua amplitude. O instituto atua nas áreas de reabilitação terapêutica e social, na preparação para o trabalho e no encaminhamento e acompanhamento profissional.

O professor Severino Cavalcante, deficiente visual, é o coordenador da área musical no Instituto e o responsável total nessa área, ele contribuiu para essa monografia falando sobre as características musicais adotadas no IBC, no que diz a qualidade, metodologia, recursos do Instituto e outros.

O professor Severino foi perdendo a visão ainda criança dos sete anos até quinze, aos dezesseis tinha uma certa tendência musical e gostava muito de música e ouvir instrumentos. Só que nos lugares mais pobres, onde morava, só ouvia cavaquinho, violão, sanfona no estado de Recife. Lá ele despertou o desejo de estudar aprender, porém só entrou em contato com instrumento depois de ter perdido a visão. Estudou então saxofone, clarineta, acordeom e quando veio pra o Rio de Janeiro, com 16 anos começou a estudar piano. Hoje seu objetivo é de lecionar música, para jovens deste Instituto que queiram ser músicos, amadores ou profissionais.

### **3.1. Estratégia da inclusão musical no IBC.**

No Instituto a música é uma das estratégias, ela por si só é uma estratégia segundo o professor Severino, “a música é um elemento de ligação entre uma linha reta entre os dois pontos. Onde um é a sociedade e o outro é o deficiente visual, então qual é a menor distância entre dois pontos? É uma linha reta.”

Segundo o coordenador musical, professor Severino, e os outros professores, a música é o veículo de maior velocidade, o mais rápido que leva o deficiente visual a sociedade. Ele afirma que a música é o caminho mais curto que liga o deficiente de modo geral a sociedade, sobretudo o cego, então normalmente dizer-se que o cego por ser cego já é músico, isso não é verdade, é músico quem nasce com aquela tendência tanto cego como não cego evidente podemos ter uma tendência musical, porém o cego sendo músico para ele, “mais facilmente ele se integra a sociedade com mais facilidade” explica.

Segundo o professor Severino, há um maior uso auditivo da parte de deficientes visuais, ao conhecermos ou termos contato com um, não será difícil vermos tal deficientes visual reconhecer pessoas, amigos e parentes pela tessitura, tom ou até mesmo sotaque na voz, o professor explica “O cego tem um melhor aguçamento auditivo por uma questão de maior uso, maior atenção, tem que dar atenção ao ouvido para sentir o ambiente o espaço, o local que anda”.

Severino também explica que o deficiente visual não tem só esse aguçamento visual ele sente através da sensibilidade tátil objetos como moedas sabendo diferenciar uma de outras, e ele aguçando mais, vai procurar sentir tudo com as mãos com dedos e com ouvidos, vai localizar os espaços com o ouvido e vai sentir melhor as formas.



No Instituto o ensino da música vem com sucesso, proporcionando a seus alunos cada vez mais a aculturação, efeito de disciplina, organização de um modo geral, objetivando em na socialização.

### **3.1.2 Incentivo a fazer tal trabalho de inclusão no IBC.**

O incentivo de Severino Cavalcante, foi uma professora e poetisa do próprio IBC, muito competente, famosa, conhecida, escritora, chamada Benedita de Mello, professora de português e ele diz orgulhoso “Ela me trouxe de Recife”. A professora Benedita de Mello trouxe vários outros que achava que tinha possibilidade de crescer para estudar no Instituto, de fato o professor Severino Cavalcante passou por este processo de inclusão social indo para o Instituto. Hoje ele é um dos professores que fazem esse processo de inclusão para o deficiente visual no Instituto.

Diz que “ela [a professora] se encantou comigo, comecei aqui a trilhar o caminho do conhecimento da cultura e que realmente cruzou meu caminho foi a música. Gostava muito de direito gosto muito ainda, mas a música é essencial pra mim”, completando sua fala.

### **3.1.3 Sistema Braile, o mecanismo para inclusão.**

Sobre o sistema Braile Severino explica “o que falam de inclusão, para nós cegos, é proporcionado pelo sistema braile. A inclusão veio pra o Brasil ou talvez para o mundo desde a implantação do sistema Braile, que foi criado pelo Louis Braille<sup>4</sup>”.

---

<sup>4</sup> **Braile** é um sistema de leitura com o tato para cegos inventado pelo francês Louis Braille. L. Braille perdeu a visão aos três anos. Quatro anos depois, ele ingressou no Instituto de Cegos de Paris. Em 1827, então com dezoito anos, tornou-se professor desse instituto. Ao ouvir falar de um sistema de pontos e buracos inventado por um oficial para ler mensagens durante a noite em lugares onde seria perigoso acender a luz, L. Braille fez algumas adaptações no sistema de pontos em relevo. Em 1829, publicou o seu método. O sistema Braille é um alfabeto convencional cujos caracteres se indicam por pontos em relevo, o deficiente visual distingue por meio do tato. A partir dos seis pontos salientes, é possível fazer 63 combinações que podem representar letras simples e acentuadas, pontuações, algarismos, sinais algébricos e notas musicais. L. Braille morreu de

Quando o Instituto Benjamin Constant foi fundado em 1854 o cego não tinha cultura em suas mãos, “com esse advento, do sistema Braile, ele passou a ter conhecimento sobre seus dedos, são livros escritos, obras e obras e até concertos, tudo em razão do Braile. Quem fez o sistema promoveu-o e propagou” explica o professor do Instituto.

Sobre quem trouxe para Brasil esse sistema Severino fala “tivemos um apadrinhado pelo Imperador Pedro II, chamado José Alvarez de Azevedo, que foi mandado a França estudar e trouxe esse sistema para o Brasil, além de conhecimento. Falando fluentemente francês, já bem aculturado”.

Com uma cultura bem ampla aí começou a inclusão para deficientes visuais, o professor Severino com sua vasta experiência vê a música como maior mecanismo para a inclusão de deficientes visuais.

Ele diz, “a música é o elemento mais completo para a integração social entre o deficiente visual à sociedade, mas a cultura sem dúvida é um grande elemento, e esse sistema tem em muito contribuído para isso”.

### **3.1.4 Há eficácia no processo de inclusão social?**

“Sem dúvida, indubitável e inquestionável” responde o professor sem pestanejar. O professor Severino acha indispensável esse tipo de inclusão e não só para deficientes visuais e sim para todo tipo de grupo ou classe que necessite de tal inclusão e complementa “não só para deficiente visuais como também para toda sociedade necessitada de inclusão”.

---

tuberculose, em 1852, ano em que seu método foi oficialmente adotado na Europa e América.. Um cego experiente pode ler duzentas palavras por minuto. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Braile> acessado em 1/12/2006)

### **3.1.5 Barreiras sociais e dificuldades mais comuns.**

Sobre as barreiras Severino diz “existem muitas, há uma certa restrição de partitura, o braile é um sistema perfeito, porém avoluma as obras”. Nesse caso, conforme foi explicado, realmente se transforma um pouco numa barreira, porque para você ter determinadas obras tem que ter um espaço muito grande. “Agora temos através da informática, internet, temos impressora braile, pode ter as obras de modo mais descartáveis, que te informe ou então ter arquivado no computador imprimindo na hora que você quer” informa o professor.

A USP tem um projeto estimula educação musical com auxílio da informática, Não é preciso ter um instrumento. Bastam alguns cliques no computador, de preferência conectado à internet. Esse é o toque necessário para se iniciar na aprendizagem musical. A possibilidade é oferecida pelo Projeto EduMusical, desenvolvido pelo Laboratório de Sistemas Integráveis (LSI), da Escola Politécnica da USP, que utiliza a informática como ferramenta para estimular os conhecimentos sobre música.

Uma das propostas é a inclusão cultural (e, indiretamente, social) por meio da inclusão digital. Beneficia escolas que não têm aulas de música nem de instrumentos musicais, mas têm laboratórios de informática. Direcionado a crianças e adolescentes, o EduMusical também está aberto a outros usuários. Incluem portal de Educação Musical, software (editor musical) e CD (para quem não quer usar excessivamente a rede).

O Editor musical uma das possibilidades do projeto é o usuário compor canções sem precisar conhecer partituras musicais. Por sinal, o EduMusical segue uma linha não-convencional para estimular o aprendizado. Em vez de repetições ou memorizações - procedimento adotado por produtos educacionais similares - tem como finalidade fazer com que o participante componha, execute e aprecie o que realizou. Com isso, a criança ou

iniciante percebe que pode criar, além de ter a chance de publicar a composição (o portal oferece espaço para isso). A criação de suas próprias composições ocorre acessando (via download, no portal) o Editor Musical. Uma das páginas desse software exhibe espécie de grade (ver ilustração), com uma escala de notas (do ré, mi, fá, etc.) na vertical e o tempo em que vão ser executadas na horizontal. É só clicar num dos instrumentos musicais, no canto esquerdo da página, e começar a compor. Cada instrumento ativado aciona uma diferente cor para “pintar” a grade. O endereço para acessá-lo é [www.edumusical.org.br](http://www.edumusical.org.br).

(Fonte: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/sis/newsmail.php?nid=52635>).

O professor Severino acredita que o Edumusical é mais um ganho para a educação musical, a fim de promover a inclusão social: “Precisamos de projetos como esse, rico em cultura e bem idealizado” lembra o professor.

Indagado se as barreiras entre e os deficientes visuais e a sociedade, ele diz que é evidente que elas estão caindo devido ao avanço tecnológico até mesmo na área de informática, que tem possibilitado um acervo impresso em sistema Braille para deficientes visuais. Porém Severino fala sobre barreiras de dificuldades da vida comum a deficientes visuais, que é não enxergar e locomoção.

Ainda sobre as dificuldades de locomoção o professor Severino Cavalcante afirma que

você de pode cair num bueiro na rua, pode de repente andando no metro sozinho, como muitos cegos se arriscam porque não tem outro remédio, cair no trilho do metrô ao se aproximar muito da plataforma, você pode de repente inadvertidamente na rua esbarra em um poste ou em um mal educado qualquer que não presta atenção onde anda, em um orelhão, ou seja, são dificuldades e barreiras. Por isso digo que a maior barreira é a locomoção, a barrira locomotiva, porque com certeza muitas vezes o deficiente visual é obrigado a passar andar em áreas que não tem parâmetros, não tem muros, indo pelo meio de rua porque não há um meio fio onde ele possa se guiar, tem matos as vezes plantados dos lados as vezes dificultando até mesmo a chegada em sua residência.

De acordo com Severino, o deficiente tem a barreira de locomover-se a seu lugar de ensino e até mesmo sua residência ele explica que nesse caso, o deficiente visual só vai chegar por muita prática, muita persistência muito ir e voltar, podendo até se perder em sua própria área no seu espaço, e isso segundo Severino é a maior barreira.

O professor também relata que alguns alunos do Instituto moradores de zonas rurais se queixam que suas zonas não são urbanizadas e não têm o que as grandes cidades e capitais têm, que são grandes ruas, casas muradas, meio fios corretamente colocados e conservados ruas todas calçadas todas delineadas, ou seja, são detalhes que aos videntes passam por despercebidos, mas para os deficientes visuais é importantíssimo. Ele explica “quando você mora em lugares com asfaltos certos, delineados (...) aí é um tanto mais fácil e menos penoso, mas nas zonas rurais você não tem asfalto, isso é uma dificuldade atroz” (sic).

### **3.1.6 Metodologia.**

Segundo o professor, normalmente cada um tem a sua, cada responsável por grupos musicais convencionam sua própria metodologia. “É preciso convencionar, por exemplo, uma regência, você convencionam com estalar de dedos, com bater de palma, bater uma varinha na outra ou no próprio diapasão (...) isso é a marcação no lugar de regência visual”.

Sobre a regência com marcações sonoras ele explica que em meio a videntes tem a regência sinalizada, marcada pelo desenho que a mão faz. A mão é responsável por toda dinâmica todo movimento do regente no Instituto eles convencionam.

Quanto à metodologia de solfejo, todos os Educadores musicais do Instituto usam o sistema braile em sua escrita musical. Os alunos lêem o solfejo e também os exercícios de instrumento tudo pela escrita musical braile. No caso dos alunos de piano é ensinado ler a

música com a mão direita e esquerda compasso por compasso na escrita Braille e decorar Severino diz “se ele preferir na verdade vai ter que decorar trechos de dois, três, ou quatro compassos e fazer o mesmo com cada mão. Após decorar e juntar as mãos no piano”. Cada aluno pode ter um método a adotar, você escreve a mão direita e abaixo a esquerda, mas mesmo assim não dá para tocar simultaneamente você vai ter que ler uma, decorar e ler outra e depois juntos.

Mesmo com certas dificuldades de volume em partituras musicais em braille Severino diz “de qualquer maneira, claro, o sistema braille é excelente, ainda é um tanto contraproducente quanto a isso, porém não pode existir superior, não pode existir nada mais completo porque ninguém viu ainda algo mais completo que o braille, não existe” completa.

Indagado se houve tentativas de um sistema assim com o Braille a fim de promover mesma a inclusão que o Braille faz o professor fala “não pode haver porque mais que se pensasse o braille foi alguma coisa que veio em definitivo, teve algumas pequenas mudanças, mais nos sinais, por exemplo, em determinadas coisas acentos circunflexos, tremas” isso é no sistema geral, comum. Há determinadas mudanças em braille também, mas não tentativa de um novo sistema.

Sobre pontos fundamentais para o sucesso de um aluno do Benjamin Constant dentro desse processo de inclusão Severino diz “Quando o indivíduo tem uma inteligência normal, QI normal, não precisa ser superdotado, ter toda uma informação como se vive numa sociedade, depois disso pode se integrar otimamente sem chocar a sociedade” e essa integração através da música será mais fácil.

Na questão de melhorias diz que a melhoria seria mesmo um recurso governamental que fosse aplicado pelo governo e isso depende de cada governo. Ele diz que nos EUA você tem facilmente obras ao alcance de todos os cegos músicos, mas segundo o próprio

professor é compreensível que não se pode ter tudo, os deficientes visuais tem que conseguirmos na medida que se necessita. “O recurso é mais mecânico em obras prontas, é mais através da própria mecânica e o recurso oferecido pelo governo, como no caso a impressora braile computadorizada e as obras em um sistema comum em uma biblioteca especializada” explica Severino. É importante Instituições que fazem esse processo com deficientes visuais ter bibliotecas especializadas em música, tendo essa impressa em braile na medida que se necessita se imprime e está atendido o problema.

Sobre o valor da impressora, Severino Cavalcanti diz que o valor é alto e não é qualquer pessoa que possui uma impressora braile. O Instituto Benjamin Constant não possui a computadorizada.

“Depende da situação monetária de cada um (...) geralmente quem perde a visão é proveniente de classe pobre de baixas condições gerais, embora hoje já se sabe que a perda de visão vem muita de diabetes, hepatite e outras que estão assolando o mundo” diz Severino. Hoje geralmente possuem impressoras computadorizadas somente pessoas jurídicas.

O Instituto Benjamin Constant é muito importante para deficientes visuais do Rio de Janeiro, sendo um colégio especializado e é hoje centro de referência no Brasil e foi durante muito tempo, e talvez ainda seja, da América do Sul, fundado em 1854 sempre ofereceu um trabalho de nível excelente.

No Instituto há educação física, competições como futebol, possui piscinas semi-olímpicas. O professor reconhece que o governo até então tem direcionado atenção ao Instituto “o governo realmente deu uma olhada para nós daqui do IBC, mas precisa muito mais. O espaço foi doado pelo Pedro II já quiseram nos tomar esse espaço, mas graças a Deus, não conseguiram” completa. O professor Severino acha bom o nível de

especialização, espaço, equipamentos e profissionais tendo em vista do Instituto ser uma instituição mantida pelo governo federal.

O professor Severino finaliza, “o Brasil tende a evoluir, mas de vez em quando ele retrocede um pouco, exatamente por determinadas medidas de alguns governantes, que fazem o que sentem pessoalmente, mas não que vem beneficiar todo o povo”.



## CAPITULO IV

### INCLUSÃO SOCIAL MUSICAL NO GRUPO CULTURAL AFROREGGAE

AFROREGGAE, **“Nossa Missão”**: *Promover a **Inclusão** e a **Justiça Social**, utilizando a **Arte**, a **Cultura Afro-Brasileira** e a **Educação** como ferramentas para a criação de pontes que **Unam as Diferenças** e sirvam como alicerces para a sustentabilidade e o exercício da cidadania.*

Com esse lema o Grupo Cultural Afroreggae trabalha a inclusão social voltada para jovens que estão à margem da sociedade. Devido o sucesso e prêmios recebidos em reconhecimento, eles têm em mente multiplicar mais e mais, através da cultura, o combate a marginalidade.

O produtor musical Eduardo é o responsável por algumas áreas burocráticas do Grupo, ele contribuiu para esta monografia falando sobre as características musicais adotadas no Afroreggae, no que diz a serviços prestados, recursos do grupo e outros.

Eduardo já conhecia o Afroreggae desde 1993, foi o período que o Afroreggae entrou em Vigário Geral, onde ele é morador, mas só em 1999 ele passou a ter uma relação direta com o projeto, isso foi através de um irmão seu que já fazia parte do Afroreggae há mais de nove anos que o convidou pra assistir um ensaio. Eduardo foi, gostou e acabou ficando. Eduardo era músico e atualmente trabalha no escritório e na produção da Banda Afroreggae, começou como aluno das oficinas de percussão, tocou em uma das bandas, na época era a “Banda Afroreggae 2” atualmente a banda “Makala”, mas apesar de estar trabalhando no escritório também é muito envolvido com a música.

#### **4.1. Estratégia da inclusão musical no Afroreggae**

O Afroreggae trabalha com cultura, arte e cidadania. A fim de capacitar jovens de comunidades carentes do Rio de Janeiro, e dar a possibilidade de um futuro melhor na sociedade através deste trabalho com cultura, com arte, com música, com teatro, com circo. “Usamos a cultura e a arte como instrumento de mudança na vida dessas pessoas”, diz Eduardo.

##### **4.1.1 Há eficácia no processo de inclusão social?**

Quanto a eficácia, o entrevistado diz “sim, vemos como mais uma oportunidade de vida a comunidade carente”. Eduardo explica que na época de 1993 quando conheceu Afroreggae, havia poucas possibilidades de vida, para muitas jovens infelizmente a única referência era o tráfico de drogas, o governo não investia, não existia nenhum tipo de trabalho realizado pelo Estado. Ele explica que a única referência era o tráfico, que era um poder dentro da comunidade. Foi de grande importância o Afroreggae entrar na comunidade oferecendo cultura, música arte, há uma abertura de leque de oportunidades para os jovens da mesma.

##### **4.1.2 Barreiras sociais e dificuldades mais comuns.**

“Sim, dificuldades existem várias. Primeiramente a realidade que cada comunidade vive, que é a questão do tráfico de drogas. Mas temos como função principal que é desviar os jovens do narcotráfico e do subemprego, num trabalho social, como um todo” completa m. Existem várias dificuldades na comunidade de Vigário Geral, mas com cultura, com esporte, com o dia-dia, vivência e a atuação desse grupo na comunidade o AfroReggae tem

conseguido mudar o quadro de muita gente, segundo Eduardo a muito ainda o que fazer aos poucos se vem tentando contornar essas barreiras que vão se agigantando não só aqui, mas por todos os lugares pobres do Rio de Janeiro.

Na entrevista o produtor musical disse que as dificuldades a nível governamental são saneamento básico, moradia e emprego ele fala que o desemprego no Brasil é muito grande e tem atingido muitos os jovens e adultos moradores dessas comunidades. O maior índice de desemprego está dentro das favelas, isso forma complica o desenvolvimento local. Ele fala

Com o AfroReggae começamos as atividades necessitando de apoio, patrocínios, mas criaram uma política que o próprio Grupo através de vendas de produtos, e de shows dos que se apresentam cobrem 30% da folha salarial, esse gasto o próprio Afroreggae banca, através destas captações de recursos, vendas de Cd's camisas DVD, com vendas de shows e também dos grupos, “Temos uma forma de trabalhar onde cada pagamento de cachê, 30% é revertido para o projeto social do Afroreggae, os pontos que esbarram na falta de patrocínio, nos resta persistência e força de vontade esse é o nosso referencial”, O Grupo Cultural estará em breve construindo em Vigário Geral um novo centro cultural, mas ele ressalta que as atividades não são interrompidas apesar das obras as atividades não param e nem podem, o lugar é quente pequeno, a infra-estrutura é a mínima possível, mas as atividades não param.

#### **4.1.3 Metodologia.**

O produtor musical explica que o Afroreggae tem uma diversidade musical e artística para várias áreas que começaram em 1993 com aulas de percussão. A música entrou no Afroreggae através da oficina de percussão. Ele fala “Com o desenvolver do projeto e seu crescimento, abriu-se um leque de oportunidades, hoje trabalhamos com dança, percussão, capoeira, grupo de violinos, circo, os jovens tem várias oportunidades de escolha” completa.

Sobre os pontos que evidenciam o sucesso dessa inclusão Eduardo relata que em primeiro a oportunidade que é dada aos jovens é o fator fundamental, a maioria dos jovens até mesmo aqueles que estão envolvidos com o tráfico, poderiam ter uma realidade diferente se tivessem uma oportunidade na vida quando eram mais jovens.

Segundo o produtor musical as oportunidades provocam mudanças em nossas vidas. Eduardo cita o próprio caminho, “eu, por exemplo, tive essa oportunidade e as vezes fico pensando o que eu seria se o Afroreggae não tivesse entrado na minha vida, poderia estar trabalhando em algo que não gosto, como poderia ser uma marginal”. Não só com Eduardo, mas com muitos outros jovens que participam desse Grupo Cultural, sabe que o Afroreggae propicia uma nova realidade na vida e ele complementa “de fato eu sofri essa inclusão social e nós desenvolvemos multiplicadores, tudo que aprendemos aqui multiplicaremos para os próximos, a visão é nunca acabar, as pessoas vão passar, mas os projetos sempre vai continuar multiplicando”.

O Grupo, de fato, vem crescendo e formando cada vez mais grupos de teatro, música e dança a idéia de seus idealizadores é do grupo continuar crescendo.

Eduardo finaliza dizendo: “nos preocupamos muito com a questão social não só aqui no Rio de Janeiro, mas no país como um todo. E nós fazendo a nossa parte estaremos contribuindo em alguma coisa, essa contribuição para nós é fundamental”.

## **CAPITULO V**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise realizada, podemos ver a proporção que a inclusão social, seja através do esporte, informática sobre tudo a música tem contribuído para sociedade. Com a exclusão social sendo combatida, em alguns anos números favoráveis poderão alcançados. Para isso é necessário continuar abordando a questão da inclusão, o processo de tornar participantes do ambiente social total (a sociedade humana vista como um todo, incluindo todos os aspectos e dimensões da vida - o econômico, o cultural, o político, o religioso e todos os demais, além do ambiental) todos aqueles que se encontram, por razões de qualquer ordem, excluídos, ou seja, aqueles que estão fora do processo produtivo (desempregados e subempregados), do acesso a bens culturais, saúde, educação, lazer e outros assim como todos componentes da cidadania.

A Inclusão Musical propiciará o desenvolvimento do gosto pela música e possibilita preparar a crianças ou adulto para a prática musical vocal e instrumental. Aprendendo música, cantando, dançando, ouvindo e tocando, para que possam construir seu fácil acesso a sociedade e também o seu conhecimento musical, porque as pessoas que sofrem a ação inclusiva da música, fazem também pela apreciação dessa maravilhosa arte.

No Instituto Benjamin Constant os ensinamentos tem sido passado por pessoas responsáveis e capacitadas na área supervisionada pelo professor Severino Cavalcante, que inclusive destacou o processo da informática nessa inclusão entendendo que o processo de educação, em qualquer área, deve lançar mão de todo tipo de recurso que facilite a

aquisição do conhecimento que se quer transmitir. A informática é hoje uma ferramenta indispensável em todas as áreas educacionais e também para o professor que queira enriquecer seus recursos pedagógicos, facilitando a criação de todo tipo de exercício - desde os mais genéricos, de musicalização básica e percepção. Mas é importante lembrar que, em contrapartida, a informática cria a necessidade de constante atualização e aperfeiçoamento do usuário, seja ele vidente ou deficiente visual.

É preciso que o professor tenha uma sólida formação na sua área de atuação (no caso, em música), na área pedagógica (para detectar claramente os objetivos que quer atingir e criar soluções adequadas) e na área de informática (para conhecer e escolher os recursos mais indicados a cada situação).

Esse processo inclusivo musical precisa ser ampliado e atingir lugares como Vigário Geral, onde o AfroReggae atua, que na fatídica noite de 29 de Agosto de 1993, 21 pessoas mortas, nenhuma das quais tinha antecedentes criminais, massacre esse que tomou proporções internacionais, lugares esses carentes de processos inclusivos para jovens que crescem em meio a trabalho infantil, prostituição e privação cultural, assim como pobreza, desnutrição, saneamento precário e abuso persistente e severo contra crianças, e falta de estímulo do ambiente e de escolaridade e a marginalidade, a música então seria a isca. Para então desenvolver estratégias de socialização da música, através de projetos que objetivem a invasão do espaço público pelos músicos da comunidade e suas manifestações artísticas. Construir alternativas de inclusão social e combate à violência urbana, através da criação de grupos de educação e de prática musical nas mais diversas comunidades sociais. Desenvolver programas sólidos e de longo alcance de música nas escolas, em que os músicos da comunidade coloquem os estudantes em contato com sua arte, criando vínculos de crianças e adolescentes com a música viva.

No tocante ao governo, cabe a eles acreditarem mais e mais que esta transformação é possível, buscar fórmulas eficazes de transmissão do conhecimento, bem como dos parceiros e dos meios para realizá-lo, oferecendo as nossas crianças e jovens em situação de risco uma oportunidade de mostrarem e aperfeiçoarem seu talento, independente de sua origem, pois a cultura é a representação mais genuína da cidadania exercida por mecanismos justos de inclusão social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFROBRASIL. Disponível em <<http://afrobras.org.br/index.php?option=content&task=view&id=257>>. Acessado em: 13 de outubro de 2006.

ALMEIDA, Cristiane. *Atividades e funções da música em oficinas de música*. In: \_\_\_\_\_. XIV Encontro anual da ABEM outubro, 2005, p. 01-06.

ALVES, Fátima. *INCLUSÃO, muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio*. Rio de Janeiro, Editora WVA, 2005.

AMARO, Rogério. *A exclusão social hoje*. Caderno do Ista nº9, p.1, 2005.

Braile. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Braile>>. Acessado em 1/12/2006.

CONCEIÇÃO, Thayna & GIRARD, Thaíla. *Música e educação especial: uma contribuição para o desenvolvimento da pessoa com necessidades especiais*. In: \_\_\_\_\_. XIV Encontro Anual da ABEM. Anais da ABEM, Belo Horizonte, 2005.

EduMusical. Disponível em <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/sis/newsmail.php?nid=52635>>. Acessado em 18 de outubro de 2006.

Entrevista realizada com o Professor:

CALCANTI, Severino. Entrevista realizada no Instituto Benjamin Constant (IBC) no Rio de Janeiro 11/10/2006. 1 fita cassete (60 min).

Entrevista realizada com o produtor musical:

OLIVEIRA, Eduardo. Entrevista realizada no escritório do Grupo Cultural AfroReggae no Rio de Janeiro 02/11/2006 . 1 fita cassete (60 min).

Inclusão Social. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Inclus%C3%A3o\\_social](http://pt.wikipedia.org/wiki/Inclus%C3%A3o_social)> acessado em 13/10/2006.

MAE, Ana. *Arte, educação e reconstrução social*. In: \_\_\_\_\_. IX Encontro anual da ABEM Rio de Janeiro, 2005, p. 03-05.

Música é Inclusão. Disponível em <<http://www.fib.unb.br/lyratatui/musicaeinclusao.htm>>. Acessado em 18/10/2006.



SASSAKI, Romeu. *Inclusão construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro, Editora WVA, 2005.

SCIELO. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000100007)>. Acessado em 15 de outubro de 2006.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Disponível em <<http://www.fib.unb.br/lyratatui/musicaeinclusao.htm>>. Acessado em 12 de outubro de 2006.